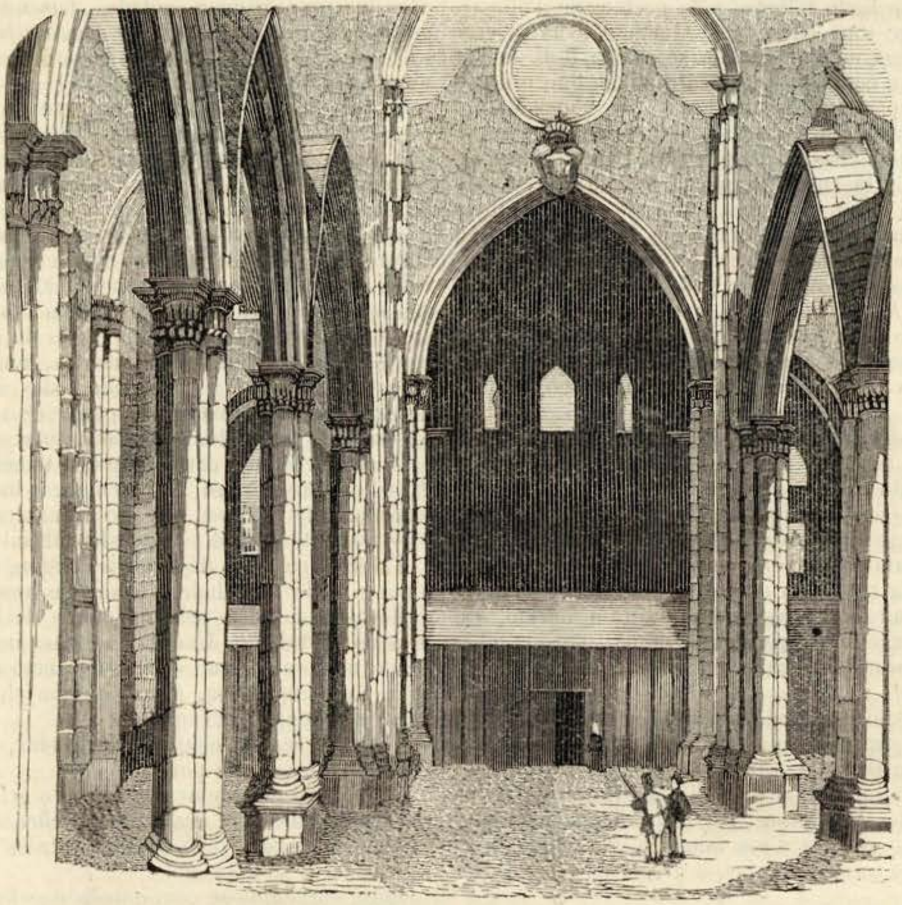


Ruinas da Egreja do Carmo em Lisboa.—Vista interior. (Vid. pag. 389).—Desenho de Nogueira da Silva.—Gravura de Flora.

DIOGO ROTHSCHILD. (Conclusão).

Parece-nos que temos feito conhecer sufficientemente o caracter e a vida d'este singular personagem. Concluiremos com alguns pormenores intimos, sem os quaes esta noticia biographica ficaria incompleta.

Durante muito tempo não houve no palacio da rua Laffitte mais quadros que os que ornavam o oratorio, os quaes, cousa extravagante, eram retratos de Luthero e de Calvino. Moysés devia lisongear-se pouco de tal escolha! Mas, se a habitação de Rothschild é pobre em obras primas de pintura, em compensação possue uma verdadeira curiosidade, a espadã de Henrique IV, a mesma que o bearnez trazia em Arques, e em Ivry. Comprou-a o barão por duzentos cincoenta e seis mil réis, quando se vendeu a collecção Monville. Pobre e soberba espada! esperarias tu isto?

Quando o banqueiro dá festas esplendidas aos capitalistas e agentes de cambio, cujo concurso lhe é necessario para dirigir as manobras da bolsa, a alta ou baixa do dia seguinte pagam a musica.

Diogo corre a cavallo como um emerito mestre de ensino, ou como o primeiro membro do Jockey's-club. Até muitas vezes lhe succede ganhar os premios, porque é preciso que Rothschild ganhe sempre alguma cousa.

São optimas as partidas de caça, que dá em Ferriéres. Para estar seguro de que o não roubam, tomou a seu serviço os mais distinctos caçadores furtivos de Seine-et-Marne.

Sois uma das notabilidades do banco, uma das illustrações da politica? Convidam-vos para uma partida de caça nas terras do barão. Entretanto não espereis trazer para casa a lebre ou a o perdiz que matardes, porque certos arranjos particulares se oppõem a isso. A caça morta pelo barão e seus hospedes, pertence ao regedor, que em virtude d'um tratado perfeitamente em forma, não póde vendel-a senão a Chevet.

Um dia, n'uma d'estas caçadas, Dupin Senior distinguiu-se por um admiravel e certeiro tiro. Entrando no parque tomára a galga favorita de m.me Rothschild por um gamo, e metteu-lhe dois zagalotes nos flancos. Envergonhado do seu erro, nunca mais ousou apparecer alli. Os criados o foram achar ao pé d'uma arvore esforçando-se por chamar á vida a infeliz galga, por meio de uma ligadura artisticamente feita com a sua gravata. Ficára tão confuso, que partiu mesmo antes do jantar.

Diogo Rothschild está physicamente longe de ser um Adonis. Chamando-lhe alguem metaphoricamente bezerro d'ouro, respondeu o jornalista Saphir:

—Não se comprehende. Escolhei para termo de comparação animal menos grosso, e mais feio.

Assim mesmo este homem manifestava, ha uns vinte annos atraz, grandes pretenções ao titulo de afortunado nos amores, vaidade que lhe trouxe mais d'um desapontamento. Um dia recebeu d'uma nobre duqueza, que tinha muitas vezes encontrado na sociedade, um lindo bilhete, todo perfumado d'ambar. Pedia-se-lhe uma entrevista. Quem não ha de crer no seu merecimento, quando se chama Rothschild!

Dicidido a conduzir a aventura a bom fim, o nosso heroe compõe todas suas graças, e, como Malborough, parte para a guerra. Pobre barão! Porque não lêste as memorias da princeza Palatina, mãe do regente? Certa anedocta que lá se conta, ter-te-hia acautelado. Uma marqueza, que em vão solicitava de Law uma audiencia particular, deu ordem ao seu cocheiro de tombar a carruagem com a maior delicadeza possivel, diante do palacio do syndico geral do banco. Assim foi, sem a marqueza padecer cousa alguma. Entanto fechara os olhos, e não lhe faltára perder os sentidos. Transportam-na ao sanctuario de Pluto. Law corre apressado com um frasco de quatro-ladrões.

—Não são sáes que me faltam (lhe disse então a bella), são acções.

Rothschild caiu no mesmo logro.

Terno sorriso, acolhimento franco, palavras de mel, tudo se empregou para lhe dar volta á cabeça. Depois, abriram na conversa um habil parenthesis, para lhe pedirem cincoenta acções ao par. Satisfez ao pedido com alegria; mas eis que surge o marido, e a entrevista não tem mais consequencias, porque o barão sae muito mortificado por lhe preferirem a bolsa ao coração.

Se em todas as circunstancias falta espirito a Diogo Rothschild, a gente que ordinariamente o acompanha tem-no por elle.

É bem conhecido o feliz dito de Henrique Heine ao arcebispo de Malines. Prelado e financeiro jantavam juntos em casa d'um ministro. No momento de irem para a casa de jantar, o arcebispo disse a Rothschild:

—Entrae primeiro, senhor barão.

Rothschild entrou.

—Senhor (disse o poeta ao prelado) podia julgar-se haver aqui inconveniencia ou falta de politica, mas não ha. De direito o antigo testamento antecede o novo.

Falto de talento para saber viver, o banqueiro judeu tem levantado por isto mais coleras, do que a bulha dos seus milhões tem feito rosnar invejosos. De certo é pouco recreativo receber diariamente duzentas ou trezentas cartas, vindas dos quatro pontos cardaes, e manter correspondencia, que percorre toda a gramma do pedido, desde o estilo ousado e ameaçador, que conduz á policia correccional, até ao humilde estilo da supplicação, que não conduz a cousa alguma. Mas devem-se soffrer os pequenos aborrecimentos inherentes a uma grande fortuna. Quando fosse preciso pagar dois ou tres secretarios, para responder uma palavra de consolação, á falta de esmola, parecia-nos isto mais digno, que encerrar-se n'um ultrajante silencio. Isto é o que o barão não comprehendeu nunca, nem mesmo a baroneza.

Saviniano Lapointe, esse operario que faz sapatos como um poeta, e versos como um sapateiro, implorára o auxilio de m.^me^ Rothschild para uma familia infeliz. Mme não se dignou responder á sua epistola.

Genus irritabile vatum!

O operario socialista escreveu furioso no jornal *l'Atelier*, estas terriveis linhas:

«O rico que conhece a miseria sem a soccorrer, deve ser marcado com um ferro em braza.»

Um pretencioso, cujo pedido não tivera melhor acolhimento, poz-se a contar por toda a parte que no bosque de Bolonha, m.^me^ Rothschild tinha esmagado um velho com a sua carruagem, deixando-o sobre a terra, depois de lhe ter atirado com a bolsa cheia de ouro, sem se dignar parar, nem conduzil-o para lhe proporcionar cuidados, *temendo que o sangue lhe sujasse os cochins do caleche*. N'este mundo só o orgulho offendido d'um fatuo ousaria propagar uma tão abominavel historia!

Quanto ao barão, ía-nos esquecendo uma feição caracteristica da sua natureza.

É indizivel o desprezo que professa pela especie humana, refundido a seu modo o pensamento de Bossuet, quando disse:

«O homem move-se, mas o ouro guia-o».

Não tem alma assaz grande para conservar benevolencia aos homens, a despeito dos seus vicios e das suas miserias. Remorde-os com prazer, e ainda os julga mais viciosos e miseraveis do que são. Do cume da sua prodigiosa opulencia, tem visto bem todas as gangrenas, e tenteado todas as chagas da nossa pobre humanidade, a ponto de sorrir desdenhosamente á simples palavra virtude.

O cocheiro d'um carro, que elle tomára para uma expedição mysteriosa, veiu entregar-lhe a carteira transbordando valores que lhe esquecêra.

—Dae oitenta mil réis a este imbecil!

Tal foi a resposta do homem Pactolo, em presença d'um acto de probidade, visinho do heroismo.

Rothschild gosta principalmente de humilhar as pessoas de talento. Um dia, em casa de seu irmão, vendo um pintor, que concluia o tecto de uma casa de jantar sumptuosa, disse-lhe com chapeo na cabeça, e a bengala levantada:

—O lá, senhor operario decorador, sou eu que vos fallo; descei um pouco!

O operario decorador era Jadin, o artista eminente, que então estava acabando aquelles maravilhosos frescos do palacio de Salomão, ante os quaes todos os amadores se extasiam.

Jadin contentou-se com encolher os hombros, mas algum tempo depois Crémieux, dotado de muito menos paciencia, castigou d'outro modo, e com opportunidade admiravel, a impertinencia do financeiro.

Nunca Crémieux tinha visto o seu illustre correligionario. Encontrou-o um dia na synagoga, e como tinha que fallar-lhe ácerca d'um ponto litigioso, concernente á communhão israelita, tratou de aproveitar a occasião, apresentou-se-lhe, e entrou logo em materia. Rothschild interrompeu-o:

—Sois de facto o senhor Crémieux? (lhe disse, medindo-o d'alto a baixo).

—Sim senhor barão. Parece-me que já tive a honra de vos declar o meu nome.

—É verdade; mas cuido que o senhor Crémieux, advogado, deve ser maior.

Ouvindo esta phrase tão absurda, como insolente, o seu interlocutor mordeu os beiços. Entretanto continuou o que tinha a dizer. O barão respondeu diffusamente.

—Porém, sois em verdade o senhor Rothschild? (lhe disse Crémieux, interrompendo-o).

—Acaso duvidareis d'isso.

—De certo. O senhor Rothschild, financeiro, deve ser mais pequeno.

Esta anecdota servirá de remate á historia do homem notavel que temos visto ha mais de quarenta annos, com grande escandalo da intelligencia, do espirito, e do bom gosto, pesar sobre o nosso seculo pela unica força do milhão.

Diogo Rothschild tem sessenta e cinco annos. Ignorâmos a data exacta do seu nascimento, e é facil de comprehender que, ainda que o procurassemos, não achariamos o seu termo de baptismo.

CHÁ COM SAL, OU MANEIRA DE O TOMAR NA TARTARIA.

O chá de que usam os tartaros mongoles não é preparado do mesmo modo que o que se consome na China. N'este paiz, como é sabido, servem-se em geral das folhas mais pequenas e mais tenras, que conservam de infusão em agua a ferver, até que esta adquire côr dourada. As folhas grandes e já duras, juntas com ramos delgados, são comprimidas e coaguladas em moldes, de que tomam a fórma, exactamente a dos tijolos que de ordinario se empregam nas construcções d'alvenaria. Assim preparado, chamam-lhe *chá tartaro*, porque é quasi exclusivamente consumido por este povo, e pelos russos, que tambem o compram em grandes quantidades, importando-o pelas fronteiras da Siberia.

Quando os tartaros querem fazer chá, quebram um pedaço do tijolo d'este genero, desfazem-no, e fervem-no n'uma panella, até que a agua se torne avermelhada. Lançam-lhe então um punhado de sal, continuam a fervura até que o liquido se faça quasi negro, deitam-lhe uma tigela de leite, e por fim o vasam brandamente para uma grande urna, separando-lhe as fezes. Esta bebida é deliciosa para o paladar dos tartaros.

Os tijolos de chá servem de dinheiro para as transacções d'estes povos, e mesmo entre os chins e os russos. Quasi todos os productos da Russia, pannos, veludos, sabão, etc., que se consomem na China, são trocados em Kiatka por chá em tijolos, cinco dos quaes representam de ordinario o valor de uma onça de prata.

C.

PORQUE RAZÃO NÃO TEM A ARTE, N'ESTES ULTIMOS TEMPOS, CHEGADO AO GRANDIOSO?

Lucida e ao mesmo tempo espirituosa é a resposta que Stendhal nos dá a esta pergunta, n'um dos seus fragmentos ineditos appensos á sua obra — *O amor*. Eil-a.

«Escrevem-me de Paris (1) que appareceu na exposição (1822) um grande numero de quadros representando assumptos da Escriptura Santa, pintados por artistas que não crêem, admirados e julgados por gente que não crê, e pagos, em fim, por pessoas que não crêem.

«Ora, depois d'isto, ainda se pergunta *o porque* da decadencia da arte!

«Não crendo os compradores, nem os contratadores, nem os juris, o artista, ainda que creia, teme sempre passar por exaggerado e ridiculo. D'este modo como poderá chegar ao *grandioso?* Nenhuma disposição publica o auxilia n'este empenho.»

N. S.

FETOS E ORTIGAS.

São estas duas plantas tão abundantes, quanto desaproveitadas em Portugal e n'outros paizes, podendo ambas fornecer util alimento, principalmente nos logares mais privados de hervagens ou hortaliças.

Os fetos colhidos tenros, antes que se cubram de penugem, e em quanto não abrem de todo ou desabrocham as primeiras folhas, fervidos n'agua pura, são saborosos e similham os estimados espargos.

(1) Stendhal achava-se então na Italia.

As ortigas pouco crescidas, e em quanto tem as folhas tenras, podem arrancar-se com a raiz, tendo a precaução de envolver a mão n'um panno de tecido bem toxado para evitar as picadelas. Escaldadas com agua a ferver, perdem a aspereza e os picos, e fornecem espremegado, não inferior ao d'espinafres.

No Thibet aproveitam assim estas plantas, e o celebre viajante, padre Huc, d'isto dá noticia na sua curiosa relação de viagem áquelle paiz, e recommenda aos seus compatriotas francezes o aproveitamento d'aquellas hervas, que tambem são abundantissimas em França, mas desprezadas até agora.

C.

YÉ, EX-GOVERNADOR DE CANTÃO.

O retrato de Yé, que hoje damos, copiado do que veiu de Cantão em principios d'este anno, passa por ser d'uma verdadeira similhança, sem alterar nada a correcção do typo chinez do individuo.

Lançando uma simples vista áquelle craneo, unico no seu genero, admira-se logo a grande falta de equilibrio que apresenta entre os differentes orgãos. Predominam n'elle os instinctos do bruto, os sentimentos d'egoismo. As bellas faculdades da intelligencia e do raciocinio não passam do estado rudimental. Deve notar-se, sobre tudo, a sua carencia absoluta da benevolencia, o que está em perfeita concordancia com o caracter bem conhecido, e com os actos d'este personagem infelizmente tão celebre, por ter sido verdadeiro flagello da humanidade.

Faz tremer ainda a relação das inauditas execuções, que este feroz magistrado ordenou a sangue frio, durante os quatro annos que foi commissario imperial! Pela sua propria confissão não foram menos de 70:000 as cabeças que rolaram no cadafalso, sem contar os infelizes, em numero ao menos egual, que succumbiram ás torturas, e ás privações dos carceres.

Póde talvez admirar que tenham corrido tantos rios de sangue n'um paiz dotado com um codigo penal, cuja sabedoria tanto se tem louvado. Em verdade não é assim que em tempos normaes a justiça chineza procede. No curso ordinario das cousas os governadores geraes das provincias são alheios a todos os termos e actos judiciaes. Os juizes criminaes são os unicos encarregados de entender nas infracções da lei, reputadas crimes; e quando um culpado é condemnado á morte, não póde a sentença dar-se á execução sem ter sido approvada pelo proprio imperador.

D'aqui resulta uma sufficiente madureza na applicação da pena capital, porque antes que de Pekin venha a sancção suprema, tem os parentes do condemnado tempo bastante para fazer rever o julgamento em tribunal superior, e obter ás vezes suspensão da execução.

Entretanto ha casos excepcionaes, como quando rebenta uma rebellião contra a auctoridade imperial, em que os condemnados á morte, sentenciados fóra das vias legaes, podem ser executados sem recurso ao imperador, que delega então um commissario especial para o paiz levantado, com plenos poderes para julgar. A jurisdicção de todos os tribunaes cessa completamente diante da d'estes commissarios. As suas sentenças são logo executorias, ainda que dadas do modo mais summario, e sem nenhuma fórma de processo. É a concentração, n'uma unica mão, dos poderes illimitados, que entre nós o estado de sitio

confere a muitos funccionarios distinctos, ou ao conselho de guerra reunido.

Foi n'essas infelizes circunstancias que Yé pôde saciar impunemente a sêde que tinha de sangue dos seus similhantes.

Em 1847 entrára nas altas regiões da administração, succedendo, como loco-tenente governador de Cantão, ao famoso Houang-Ngan-Toung, o habil e cortez diplomata que negociou, debaixo das ordens de Ki-In, todos os tratados concluidos com as potencias estrangeiras. As funcções de vice-rei eram desempenhadas por Sin, personagem celebre nos fastos da insurreição chineza em Kouang-Si. Em tão boa eschola facilmente aprendeu Yé a servir-se da auctoridade sem limites que o imperador atterrado acordava a todos os seus representantes nas provincias rebeldes. Comtudo só sete annos depois é que pôde exercer bem á vontade aquella auctoridade, ficando, pela morte de Sin, commissario imperial (*kintchai*), encarregado de extinguir a insurreição nas provincias do sul. O seu zelo foi então sem termo: a todos os districtos suspeitos de connivencia com os rebeldes levou os massacres: populações inteiras, velhos, mulheres, crianças, foram arrastadas em massa á capital provincial, onde expiaram logo em supplicio cruel o supposto crime de lesa-magestade.

O imperador, avaliando o merito de Yé pelo numero de victimas que immolava, entendeu dever conferir-lhe uma recompensa extraordinaria, nomeando-o barão, ou *nantsio*, titulo nobiliario que a dynastia tartara actual mui raramente concede a subditos de origem puramente chin.



Yé, ex-governador de Cantão.

A este respeito é conveniente notar o erro commettido por quasi todos os jornalistas europeus, que chamam tartaro ao ex-vice-rei de Cantão. Yé, cognominado Ming-chin ou *jaspe-brilhante*, é chin de raça pura, nascido na provincia de Ho-nan, de paes pouco favorecidos da fortuna, e dos quaes era o unico arrimo. Os seus habitos pessoaes são modestos, mas é ávido, até á mania, de dominação, e homenagens. Nada o chocou mais, em quanto esteve diante de Bogue, que não ser visitado da parte dos plenipotenciarios europeus!

Parece porém que dois dias antes da saída do navio *Inflexible*, que o levou a Calcuttá, indo lord Elgin a bordo, e tendo com o prisioneiro larga conversação, ficára este muito satisfeito com isso quando a principio mostrára viva repugnancia em partir para a India.

Yé tem sido tratado em Calcuttá como o são os prisioneiros de guerra de classe elevada. Provavelmente não voltará a patria antes da conclusão da pendencia que o seu orgulho e a sua obstinação levantaram.

Explicação do enigma do numero antecedente.

O homem que lê recorda o que sabe, e aprende novas cousas.

Lisboa — Typographia de Castro & Irmão, Rua da Boa-Vista 4 B